

São Paulo, 9 de junho de 1938

Rodrigo

eu quero que essa carta que vai junto chegue mesmo e com urgência, por isso abuso da sua complacência, desculpe. É pedindo emprego! Positivamente a notícia certa ontem que iam acabar com a Discoteca me desesperou. Justamente no momento em que ela já não é mais um serviço municipal mas está atraindo a atenção de outros países. Se lhe bastam dois exemplos mando os principais: me chegaram agora de Berlim, do Phonogrammarchiv os 112 fonogramas existentes, creio que únicos no mundo, de música dos índios brasileiros. Só com proposta de troca com os meus! E de Praga, me mandam pedir a constituição da Discoteca e regulamentos porque o governo tcheco quer fazer uma igual lá. E aqui, um governo de vingança, acompanhado de um prefeito vesgo e um diretor burro e ignorante, acabam com tudo! Não fico aqui não. O Meyer me falou na possibilidade de me arranjar um posto no Instituto do Livro.

Faço o ato de desespero: se o lugar ainda estiver vago, fujo praí, viro carioca da gema, e vou comer vitamina XPTO na Copacabana. Ciao.

Mário

São Paulo, 14 de junho de 1938

Rodrigo

Acabo de receber sua carta.

Apenas noto um engano em vocês todos, amigos bons demais. É o esforço em me dar um posto elevado e com milhores vencimentos. Pois juro a vocês que isso não é da minha preferência agora. Prefiro mil vezes um posto que me conserve na obscuridade, subalterno de outros que mandem em mim e a quem eu obedeça sem responsabilidade. Quero escuridão, não quero me vingar de ninguém, quero escuridão. Qualquer coisa serve, quero partir, agora que já ficou provado que não roubei nada nem pratiquei desfalques. Só isso me interessava saber e está provado pela devassa que fizeram. Agora prefiro é descansar e não ver, nem ser visível. Quanto ao Capanema, ele sabe que terá toda a minha colaboração quando e como a preferir à dos outros.

Quanto a deixar S. Paulo, você tem razão. Deixarei S. Paulo sem o menor amargor regionalista. Não que desdenhe dele, não desdenho de nada, mas toda a minha vida, minha obra, minha atuação me permitem dizer que jamais trabalhei *por* S. Paulo, pelo simples fato de trabalhar em S. Paulo. Seria ridículo afirmar que não gosto de ser Paulista, mas seria uma verdadeira pusilanimidade afirmar que S. Paulo me satisfaz. Irei pro Rio sem a menor saudade do *terroir*. Só algumas saudades de família ou de amigos terei que cultivar, mas saberei transformá-las. Quero ir-me embora, quero ir embora, quero ir embora. O resto, depois verei.

Um abraço grato do

Mário

São Paulo, 2 de fevereiro de 1943

Sr. Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade.

De acordo com vossas determinações venho apresentar-vos relatório dos trabalhos que realizei durante o mês de janeiro p.p. para este Serviço.

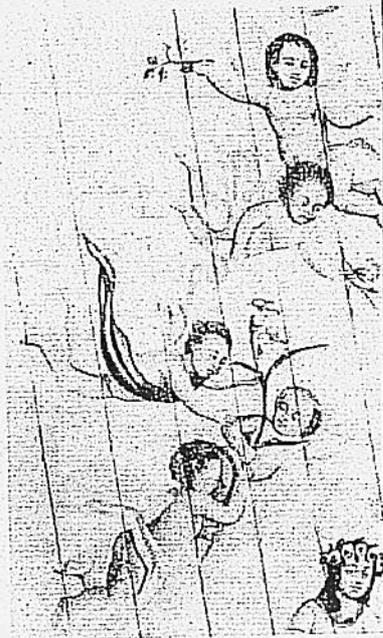
Eu vos disse no meu relatório anterior que pretendia terminar este mês os estudos que estava fazendo sobre a obra pictórica do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Com efeito esse meu trabalho se acha praticamente terminado. Completei o estudo de toda a obra e agora falta apenas pôr em redação definitiva o meu escrito. Não pretendo fazê-lo porém imediatamente, salvo parecer vosso em contrário. Acho preferível deixar isso para mais tarde porque ainda me restam muitas pesquisas a fazer, pesquisas estas que podem modificar talvez, algumas observações e mesmo conclusões a que cheguei. Além disso, depois do meu estudo já posto em redação sobre a vida do artista, documentos e pesquisas novas, vieram confirmar muitas das conclusões a que eu chegara no escrito de que já tivestes conhecimento. Há pois que fazer modificações numerosas, no sentido de retirar a minha argumentação e substituí-la pelos documentos achados que a vieram confirmar. Mas que a invalidaram, por inútil.

Quanto à obra pictórica do padre, cujo estudo terminei, cada vez me convenço mais de que, além do seu valor plástico incontestável, ela apresenta um valor psicológico talvez excepcional na história da pintura colonial brasileira. Que Jesuíno era um homem de vida interior interessantíssima não é mais possível duvidar. O simples caso da criação do grupo dos chamados "Padres do Patrocínio" que chegou a provocar a denominação abstrusa dada a Itu, de "Port-Royal brasileira", já basta para mostrar o que era esse homem.

No meu estudo da obra dele veio se firmando aos poucos em minha convicção o mulatismo revoltado do artista, um verdadeiro "complexo de inferioridade" convertido em afirmação orgulhosa do eu, provado em várias manifestações curiosíssimas.

Entre estas manifestações está, por exemplo o caso delicioso dele ter pintado um anjo mulato no teto da capela-mor da Carmo ituana. Quando descobri isso, pedi a confirmação de várias pessoas para o que ainda considerava uma apenas presunção minha. Mas a confirmaram entre outros Luiz Saia e a pintora Tarsila do Amaral.

Devotíssimo da Senhora do Carmo desde menino, obcecado pela devoção carmelitana durante quase toda a sua vida, era realmente estranho que Jesuíno não fosse terceiro carmelitano e se tenha, ao entrar para a vida religiosa, preferido padre secular e não regular carmelitano ou mais facilmente irmão leigo. Mas os Terceiros Carmelitanos sempre foram a nata das duas nobrezas de sangue e de dinheiro na Capitania. Jesuíno se vingou disso e disfarçadamente entre quase cinco dezenas de anjos que pintou no céu carmelitano de Itu, intromete um mulatinho, como protesto contra a lei tácita que o proibia de entrar na ordem da sua Senhora preferida.



Anjinhos. Pormenor da pintura do forro da capela-mor da Igreja do Carmo. Itu, SP. Arquivo SPHAN, Rio de Janeiro.



Pormenor da pintura do forro da capela-mor da Igreja do Carmo. Itu, SP. Arquivo SPHAN, Rio de Janeiro.

Santa Teresa. Pormenor da pintura de medalhão central no forro da nave da Igreja do Carmo. Itu, SP. Arquivo SPHAN, Rio de Janeiro.

Nossa Senhora do Carmo. Pormenor da pintura do forro da capela-mor da Igreja do Carmo. Itu, SP. Arquivo SPHAN, Rio de Janeiro.

Com semelhante pulga atrás da orelha, me botei a estudos mais atentos a respeito dos tipos pintados por Jesuíno e fiz descobrimentos que, dado esse elemento inicial, eram fáceis de fazer, mas que não deixam de ser de uma curiosidade e interesse importantíssimos no geral dá pintura religiosa brasileira.

Assim, nesse mesmo céu carmelitano de Itu, um dos santos pontífices consagrados, se de tez disfarçadamente arianíssima, não deixa de ser, como tipo, *bel et bien* um mulato velho. Isto pra não dizer, com mais franqueza, um negro velho, desses que foram “escravo de meu avô” muito do nosso conhecimento.

Além desse mulato velho santificado pelo artista, são freqüentes os “africanismos” escapados a ele, no traçar as suas fisionomias masculinas ou os anjinhos de corpo inteiro. Caso curioso: nas santas, não; não aparece nenhum “africanismo”... biotipológico. Dir-se-ia que na contingência de pintar a mulher, um impedimento qualquer o fazia se esquecer de sua mestiçagem. Ora se de um lado Jesuíno não se agradava muito da “parda forra” sua mãe, que o concebera fora de matrimônio, pois sempre que pôde nos documentos se recusou o nome de família Gusmão, que era o dela, por outro lado ele casara com mulher garantidamente branca e de estirpe. Mas não pretendo aventar hipóteses tão avançadas em meu trabalho. Elas vão aqui apenas para vosso conhecimento e porque estou convencido delas. Mas devo nunca me esquecer que talvez eu esteja conhecendo “demais” o meu biografado...



Mas a procura de "africanismos" nas fisionomias, me levou a um descobrimento novo, muito gracioso. É que entre as várias dezenas de anjos desse céu ituano, uma carinha Jesuíno repetiu integralmente no medalhão do Sr. Jesus de Praga que pintou para essa mesma Carmo de Itu.

Ora com esta verificação, o problema do retrato, da reprodução de uma pessoa viva e apreciada se impunha às minhas pesquisas. E foi ela que me levou a descobrir na tão dramática fase final da obra do artista, a existência de um retrato incontestável. E um retrato de família, que poderá muito bem ser um auto-retrato!

Com efeito, dos três santos masculinos que Jesuíno pintou na série de quadros existentes no Patrocínio, obra final do artista, dois são a mesma pessoa, sem contestação possível. E o caso é tanto mais determinante e conclusivo que os dois rostos estão em posições muito diferentes um do outro, tornando inadmissível a preguiça da cópia. De posse desta verdade me lembrei que o pintor Benício da Silva Dutra, tronco dos pintores Dutras de Piracicaba, nos deixara em aguarela o retrato do Padre Elias do Monte Carmelo, um dos filhos de Jesuíno. A comparação é decisiva. Se hoje um documento ou tradição nos dissesse que este Elias e os dois santos de Jesuíno eram retratos de irmãos, ou de pai e filho, ou mesmo de uma só pessoa, não haveria ninguém bem-intencionado, creio que nem mesmo o sr. Feu de Carvalho, a pôr em dúvida a tradição.

Eu devo estar um bocado envaidecido com estas descobertas, e por isto oculto neste relatório os numerosos problemas outros que a minha fragilidade não me permitiu solucionar por enquanto. E talvez para sempre... Mas creio que, ao menos pelo que se conhece até agora da arte religiosa brasileira, como psicologia social, estas descobertas tornam o "caso" Jesuíno de um interesse enorme. E não é humildade nem mesmo vontade de elogiar, de que não estais precisado, reconhecer lealmente que nunca eu teria feito os estudos que realizei, não fosse a vossa intuição e determinação.

Saudações muito gratas  
Mário de Andrade



Menino Jesus de Praga.  
Coro da Igreja do  
Carmo. Itu, SP.  
Arquivo SPHAN, Rio  
de Janeiro.

S. Paulo, 12-III-43  
Rodrigo

Aqui lhe mando um abraço ao lado do relatório mensal. Mas é principalmente pra lhe informar da minha saúde que "ninguém sabe não", como diz o poeta. Araraquara não valeu de nada desta vez. Passo quase todo o tempo deitado e na semi-obscuridade — único jeito de não ter dores de cabeça. Estou melhor, é certo, já não tenho mais aquelas dores que me paralisavam horas seguidas.